

## Perfis e memórias: A Vila Operária Fabril de Anápolis (1950-1970)

Genilda D’Arc Bernardes<sup>i</sup>; Giovana Galvão Tavares<sup>ii</sup>; Odair Firmino de Sousa<sup>iii</sup>

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** O estudo foca experiências das vilas fabris no Brasil, a partir da reconstrução da história da Vila Fabril, de Anápolis/Goiás, no período compreendido entre a década de 1950 a 1970. Reconstitui um pouco da história da industrialização no Brasil e recompõe, nos dias atuais (BOSI, 1994), a história dos bairros de Anápolis. As experiências industriais da Vila fabril da cidade de Anápolis fazem-nos refletir acerca das relações trabalhistas, de classe, e do cotidiano daqueles que habitavam o bairro. Embora, a abordagem se circunscreva no contexto da micro história, ela nos remetem às experiências regionais e do Brasil (SANTOS, 2008; MAGALHÃES, 2008; ROSSI,1994; CARPINTERO,1994), no âmbito da eclosão da industrialização, da organização sindical, e do processo de urbanização e industrialização do interior do País. A Vila Fabril inicia-se anos 1950, com a instalação do frigorífico Goiás (posteriormente, frigorífico Bordon e da SWIFT), e em seguida foi receptora das fábricas de cerâmicas e olarias produtoras de telhas, tijolos, lajotas e manilhas (São Vicente, 1950; Induspina, 1950; Santa Maria, 1950), entre outras, que nos anos de 1950 e 1960 tiveram um representativo volume de produção para atender as necessidades de construção civil em Goiânia e no Distrito Federal e abastecimento de carne de bovina (charque) vendida pelo Frigorífico. Assim sendo, este estudo tem por finalidade pesquisar a formação e as transformações da Vila Fabril no período de 1950 a 1970 e buscará, especialmente por meio de fotografias e relatos orais, compreender a história da mencionada vila operária, suas principais razões de criação, as personagens que compuseram sua classe operária e analisar a organização do cotidiano dos moradores da vila nos anos em que a pesquisa se propõe. Além de investigar o seu declínio econômico por meio de estudo das políticas públicas que proporcionaram a criação e do Distrito Agro-Industrial de Anápolis (DAIA). Nos anos 1970, a Vila Fabril perdeu força política e econômica enquanto *locus* produtivo, pois em 1976, conforme sugeria o plano diretor de Anápolis e as políticas públicas nacional proporcionaram a criação e a consolidação do Daia. Ainda no final dos anos de 1970 foi desativado o frigorífico e nos anos de 1980 as olarias e cerâmicas, fato que ocasionou certo abandono da Vila. Segundo Tavares & Moraes (2005) esse esvaziamento proporcionou a emigração, especialmente, para a Irlanda, dos filhos dos antigos funcionários das fábricas ali localizadas. É interessante salientar que eles residem na Irlanda em um bairro chamado Vila Fabril, o que demonstra a importância do cotidiano da Vila Fabril na memória de seus habitantes. Em Anápolis a Vila Fabril persiste no tempo, ainda ocupada pelos antigos moradores, imigrantes externos e internos à cidade. Denominam-se Vila Operária os conjuntos de casas construídas pelos empresários para moradia de trabalhadores na indústria (CORREIA *apud* SANTOS, 2008). Nestes termos, a experiência de industrialização da vila em foco, com um “núcleo fabril”, enquadra-se nesse conceito. Segundo Santos, as vilas operárias se apresentaram como uma estratégia construída com um propósito de manter o operariado próximo a unidade produtiva. Assim, elementos atrativos foram empregados para que os trabalhadores se dispusessem a permanecer junto ao local de produção. Conforme os relatos dos moradores e ex-trabalhadores das empresas do local, as suas moradias não foram todas construídas pelos proprietários das indústrias da Vila Fabril. Os lotes das casas da vila eram vendidos para os operários. Contudo, diz João Vaz (ex-funcionário do frigorífico) “[...] era mais fácil para eles construírem suas casas ali porque tinham perto deles todos os materiais para construção de suas casas [...]”. Entretanto, constatamos que proprietários de indústrias viram a necessidade de construírem casas para alguns funcionários específicos. Com isso nasceu o Conjunto Frigoíás e as Colônias das Cerâmicas e olarias.

**METODOLOGIA** - As informações foram obtidas por meio de pesquisa oral com moradores da Vila, documental no Museu da cidade de Anápolis, e imagens fotográficas históricas compreendendo-as dentro de um contexto sociológico e geográfico. As imagens foram aqui entendidas como portadoras de significados e de simbolismo, sendo utilizadas como conteúdo motivador tanto para estruturar a entrevista na reconstituição da memória do lugar como também registro de uma paisagem.

**RESULTADOS** - Ilustra a realidade do trabalho coletivo dos moradores da Vila Fabril a construção conjunta da Sede do Clube do Mago (time de futebol da vila), a qual foi erguida por uma ação dos trabalhadores e do proprietário do frigorífico. Neste local, nas noites organizavam-se atrações diversas para os moradores da Vila (comemorações, festas, instalação de televisão). Segundo o morador Manuel Miguel do Nascimento, a sede foi construída em 1963, e os encontros eram muito bons. No mapa da memória dos habitantes, no projeto de loteamento da Vila havia três (3) ruas que atravessavam e seis (6) ruas que desciam. A rua de baixo do setor que era logo acima da cerâmica São Vicente passou a ser chamada de Rua Cerâmica. As ruas, na época, eram cheias de buracos, sem asfalto e com pouca estrutura para os moradores. As casas eram simples com pouca arquitetura, de alvenaria e em sua maioria os operários, com o passar do tempo tinham que aumentá-las para abrigar com mais conforto a sua família. Os pequenos armazéns foram sendo construídos para atenderem a necessidade dos moradores. A fé de cada um os levou a construir a pequena igreja, que ainda existe no bairro. No período (1950-1970), a infra-estrutura da vila era precária, pois as ruas não eram asfaltadas não havia esgoto, posto de saúde, água tratada, com pouco espaço para o lazer. Além das poucas casas, havia uma igreja pequena (cujo lote foi doado por Vicente Carrijo de Mendonça) o Clube do Mago, escola e poucos comércios. O entrevistado José Luiz, que chegou em 1951, relata que, além das indústrias, havia apenas 14 casas, muito mato e pouca estrutura educacional, sendo uma pequena escola com quatro salas. O setor era cercado por indústrias de cerâmicas e pelo frigorífico. As casas do conjunto Friboi e da Colônia das Cerâmicas eram habitadas pelos trabalhadores das indústrias, cuja construção era padronizada. Essas casas tinham áreas de 38m<sup>2</sup>. Em relação ao cotidiano dos moradores/trabalhadores dessas indústrias constam que desempenhavam nelas funções diversas, como: 1) carregar barro nas cerâmicas, com carroça de animal, do quintal da empresa; descarregar caminhão de lenha; 2) Operador de máquinas de fazer piso, etc. No frigorífico, na câmara, tirava-se o boi da carretilha, etc. Neste período, os trabalhadores tinham longas jornadas de trabalho, exercendo serviços pesados e cansativos (além de 8 horas previstas, trabalhavam, às vezes, mais de 8 ou 9 horas), acordavam de madrugada para trabalhar, de acordo com ex-trabalhador em entrevista. No fim da década de 70, segundo José Luiz, ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Frigorífico, os funcionários das indústrias começaram a se organizar, a lutar para conscientização da categoria, passando, então, a exigir os seus direitos. Até o término dessa década, não há registro de qualquer movimento de paralisação por parte dos trabalhadores. Para o Sr. João Vaz, que trabalhou no Frigorífico, os funcionários estavam satisfeitos com os salários. José Luiz afirma que ganhavam em média dois salários e meio no frigorífico. Nas cerâmicas eles recebiam por produção. Entretanto, essa não era a visão de todos os trabalhadores:

**CONCLUSÕES** - O cotidiano da Vila Operária Fabril foi marcado por lutas e formas de organizações dos trabalhadores no mundo do trabalho e da vida. Hoje, a Vila conta com assistência dos serviços públicos de água tratada, energia, pavimentação da maioria das ruas, rede de esgoto, tem escola com ensino fundamental e médio, tem posto de saúde; o setor dispõe de produtos de necessidades básicas: farmácia e mercado. Possui diversas igrejas evangélicas e uma capela da igreja católica. Muitos, dos antigos trabalhadores, ainda, moram na Vila, e quando perguntados sobre a avaliação que fazem do lugar (TUAN, 1983), em sua maioria falam positivamente, referindo-se às melhorias obtidas

com o passar dos anos. Gostam do tipo de solidariedade, e de estarem em comunidade e, ainda, juntos com alguns dos antigos moradores. Ao se trabalhar com memória estamos caracterizando um tempo e um espaço. O período de trinta anos, de 1950 a 1970, foi pensado por acreditarmos que diversas são as transformações ocorridas que configuram novas paisagens em substituição a velhas paisagens urbanas, mas que algumas velhas paisagens são mantidas como refratário da memória de uma sociedade.

**Palavras-Chave:** Memória, cotidiano, Vila Fabril.

<sup>i</sup> Socióloga, Profa Dra e Coordenadora do Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente.

<sup>ii</sup> Geógrafa, Profa, doutora em Ciência na Unicamp e pesquisadora da UniEvangélica.

<sup>iii</sup> Graduando em História, pesquisador PIBIC